

"Com licença, você teria um minutinho para ouvir a palavra do POLIAMOR?"

Brincadeiras à parte, qualquer um que está ou já esteve dentro de um relacionamento aberto, sabe que grande parte do seu tempo vai ser destinado a conversas sobre isso. E não, não estamos falando aqui especificamente sobre um diálogo entre as partes envolvidas na relação, mas sim sobre um bônus: as explicações para todos que te cercam (amigos, família) e não entendem sua forma de se relacionar. Muito disso é porque vivemos em uma sociedade que ainda enxerga relações não-normativas com espanto e curiosidade. Todos seguem regras, poucos são quem as criam. Ter uma relação aberta é criar essas regras, ou melhor, um acordo pré-estabelecido para evitar confusões e respeitar os limites do outro. E agora? Se não existe uma regra máxima, como entender como funciona esse tipo de relação? Dizem por aí que toda vez que você confronta um amigo sobre sua relação aberta, uma fada morre. Vamos então apresentar 3 relatos de pessoas não-monogâmicas, para matar uma possível curiosidade do leitor e salvar várias fadinhas poliamorosas.

"Acho que se engana brabo quem pensa que relação aberta é dedo no cy e gritaria, o nível de cuidado e diálogo que a gente tem é muito maior do que demanda uma relação monogâmica."

"Tenho 23 anos e me relaciono há 3 anos com 3 parceirxs fixos. Dois deles também se relacionam entre si e um deles hoje, me tem como única parceira. É como num namoro tradicional, porém com 3 vezes mais amor e 3 vezes mais trabalho. Acho que se engana brabo quem pensa que relação aberta é dedo no cy e gritaria, o nível de cuidado e diálogo que a gente tem é muito maior do que demanda uma relação monogâmica. Isso pra mim sempre foi curioso, como com o passar dos anos tantos casais *mono* abafam muita coisa, desejos, segredos e às vezes até traições. Não tem espaço pra desconfiança quando se tem uma relação sem tabus, sem julgamentos, é outra coisa! Nas minhas relações fixas, o respeito e o consentimento são a regra máááxima! Às vezes rola da Clara (nome fictício) querer ficar com o Bruno (nome fictício) e ter um momento só dos dois. Porque eu atrapalharia isso? Às vezes ficamos os três e as vezes eu fico só com um ou com outro e afins, cada um respeitando seu tempo, sua vontade e espaço. Hoje, não fico com outras pessoas além deles, mas sei que se um dia rolar essa necessidade vou poder falar e é sobre isso. Da mesma forma sei que se um dia não funcionar mais, ninguém vai se prender por conta de um contrato ou coisa do tipo. É sobre estar com quem e aonde você quer estar. Óbvio que nem tudo são flores né? Tem aqueles dias difíceis de desconstrução e diálogo pra caralh@ o tempo todo. Porque a insegurança tá aí, bate as vezes, mas a gente tem

aprendido junto que esse tipo de sentimento a gente trata conversando, entre si e na terapia."

"fiquei muito mais motivada e militante da não-monogamia porque entendi que não se tratava apenas da liberdade nas relações, mas da liberdade individual, social, coletiva."

"Minha experiência com a não-monogamia já vem de um tempo. Na verdade, eu tenho quase 30 anos e só tive uma relação monogâmica na vida, que não deu certo e logo ali eu já soube que não era pra mim. Eu precisava me sentir livre e depois disso experimentei vários modelos de relação, mas não tinha essa ideia ainda de não-monogamia. Tive uma relação aberta com uma namorada por 4 anos e no último ano de namoro, após ter me mudado de cidade, conheci a ideia do amor livre e fez muito mais sentido pra mim, porque entendi que não se tratava apenas de ficar por ficar com diferentes pessoas. Entendi que a monogamia é um sistema que foi criado para oprimir e controlar as mulheres e isso vai se tornando normatizado, romantizado. Daí vem a ideia da "metade da laranja", de que é "impossível ser feliz sozinho", de que a gente precisa encontrar alguém, sobretudo para nós mulheres, porque é esperado que a gente case, tenha filhos e aquela coisa toda de propaganda de margarina. Depois de pesquisar e estudar mais sobre o assunto, fiquei muito mais motivada e militante da não-monogamia, porque entendi que não se tratava apenas da liberdade nas relações, mas da liberdade individual, social, coletiva. Descobri que existem diversas formas de relação não-monogâmica, em algumas a pessoa possui uma relação primária com exclusividade afetiva, ou seja, possui um parceiro fixo, se envolve com outras, mas sem desenvolver sentimentos. Eu achei esse formato um pouco estranho e me identifiquei mais com a ideia de relações horizontais, onde não existe nenhuma hierarquia, você pode amar, se relacionar e construir coisas com qualquer pessoa que você quiser, basta ter responsabilidade afetiva e respeitar os acordos que você faz com cada pessoa. Voltando a minha relação de 4 anos, no último ano comecei a me relacionar com um cara, além da minha namorada e vivi essas duas relações por um ano. Eventualmente eu e minha namorada terminamos e continuei numa relação com ele por uns 6 anos e nesse meio tempo, sempre tivemos liberdade de ficar com outras pessoas e viver outras relações. Inclusive tivemos uma relação com uma terceira pessoa, onde os três se relacionavam e conseguíamos ter esse entendimento de que minha relação com ela era uma, a relação dela com ele era outra e a minha relação com ele era outra. Isso fez com que a gente pudesse viver isso de uma forma muito saudável, livre e respeitosa. (segue nossas fotinhas!). Eventualmente ela começou a se relacionar de forma monogâmica com outro menino e isso foi muito tranquilo, porque ninguém tem que impor nada a ninguém, o processo da não-monogamia é muito individual, muito subjetivo e muito gostoso, sabe? A gente precisa ter muito respeito e buscar nosso entendimento da questão. Mas obviamente tem momentos que a gente tá em um compasso diferente do da outra pessoa e eu acho que isso também

acontece na monogamia, mas muitas vezes na monogamia a gente não se sente tão confortável em expor nossos processos e fica muito preocupado em respeitar um acordo. O que eu gosto na não-monogamia é que fica mais aberto o espaço do diálogo, de falar o que você está sentindo, enfim. São tantas questões que poderia ficar aqui horas falando sobre, mas acho que vocês não tem isso tudo de página né? (risos)."

"Eu falo que, para mim, foi mais difícil sair do armário da não-monogamia do que sair do armário enquanto lésbica."

"Comecei a viver isso de forma mais consciente em 2013 e o que foi mais difícil, por mais incrível que pareça, foi a resposta do meu meio social. Muita gente me julgou demais, sobretudo quando eu comecei um relacionamento sério com duas pessoas ao mesmo tempo. As pessoas me tratavam como se eu tivesse fazendo algo horrível, apesar de todo mundo estar de acordo, as pessoas que estavam envolvidas na situação estavam de acordo, ainda assim eu era julgada. Eu falo que, para mim, foi mais difícil sair do armário da não-monogamia do que sair do armário enquanto lésbica. Hoje em dia eu vejo que essa discussão ganhou mais espaço, a gente tem perfis com muitos seguidores no instagram que tratam desse assunto, como o perfil da não-monogamia em foco (naomonoemfoco), que faz um diálogo muito interessante interseccionando as questões de raça e de gênero ao debate, lembrando que a monogamia é um sistema que nasce com o patriarcado e que também tem vários atravessamentos com as questões de raça. E como a monogamia veio da Europa para o Brasil, também tem gente que faz um discurso decolonial sobre o tema, como o perfil da Geni Núñez (genipapos), que faz bastante esse paralelo, traz a problemática de como a gente importa da Europa essa visão e como ela é também impregnada da moral religiosa cristã, enfim, de quase todas as religiões de alguma forma. Além desses, tem muitos mais outros perfis legais e vale muito a pena pesquisar e se inteirar sobre essa temática. Enfim, eu sigo vivendo minha vida assim. Acho que o principal é também entender que não tem nada de errado em ser monogâmico, mas costumo dizer que bater no peito e dizer que você é monogâmico é diferente de dizer que você quer estar numa relação com exclusividade, porque para mim a monogamia é uma menção direta a esse sistema opressor e a própria sociedade (toda a parte legal, jurídica) está organizada dentro desta concepção, as mães solas sofrem com isso, as famílias que não são centradas no casal sofrem com isso. Acho então que pra você simplesmente dizer "sou monogâmico" é importante buscar entender, falar sobre e refletir porque que a sociedade está organizada dessa forma, a quem isso está servindo e se, dentro disso, de fato você quer ter relações exclusivas isso não é um problema, mas que isso seja uma escolha e não apenas uma imposição social, não é mesmo?

**Para maior liberdade de narrativa e por considerar a exposição de suas relações, foi que optamos*

por manter o anonimato em todos os três relatos.

É claro que dentro de um grande conjunto de possibilidades relacionais, trazer três relatos não é o suficiente para definir o funcionamento de uma relação aberta. E definir algo passa muito longe do nosso objetivo com esta matéria. Isso porque quem resolve o que é ou o que não é, são as pessoas envolvidas com todas as suas particularidades e bagagem. Não é também nossa proposta, dizer que o poliamor é melhor ou pior que os moldes tradicionais de relação, mas sim que esta, assim como a monogamia, é uma forma legítima de se relacionar afetiva e sexualmente com alguém. O importante é saber que com respeito, amor e confiança, não importa qual o formato, ele dará certo!

Por: Jéssica Mello